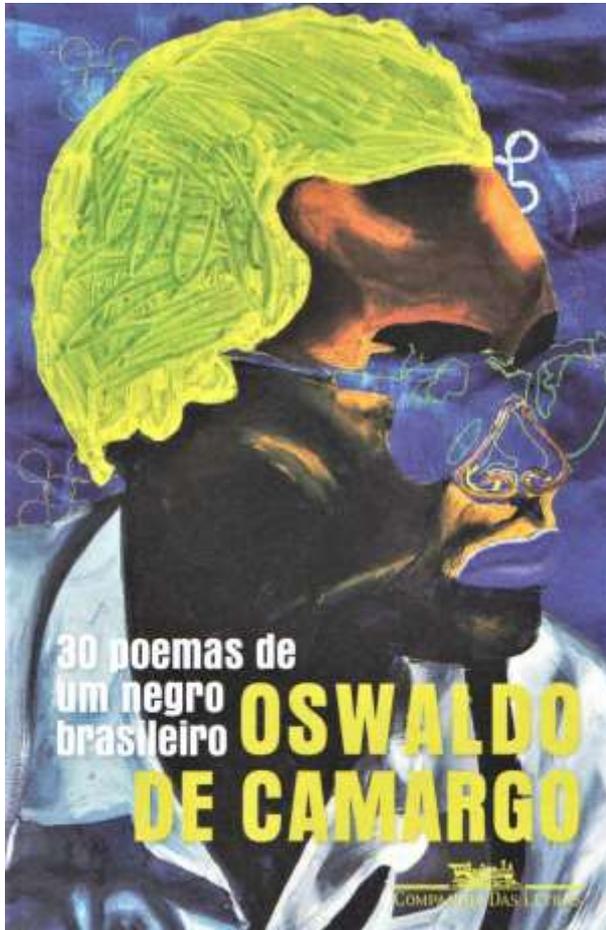


Prefácio¹

Florestan Fernandes*



Ignoro as razões que levaram Oswaldo de Camargo a dar-me o privilégio de prefaciá-la presente coletânea de poemas. Não sou crítico literário. Tampouco tenho competência ou sensibilidade para apreciar judiciosamente sua produção poética. Considero a crítica literária uma especialidade complexa e difícil, que exclui a improvisação e requer não só *talento* e *bom gosto*, mas sensibilidade, erudição e imaginação criadora. Sendo evidente que não reúno essas condições (pelo menos em relação à capacidade de ser crítico literário...), entendi que o convite se endereçava ao sociólogo, algum tanto conhecedor da situação do negro na sociedade brasileira. Às vezes, uma condição exterior à obra de arte pode ser significativa para a sua compreensão e interpretação. Talvez o autor procurasse, portanto, alguém que pudesse "explicar a sua poesia à luz de sua condição humana — das influências e motivações psicossociais

que ficam por trás da sua maneira de ver e de representar, poeticamente, emoções, sentimentos, aspirações e frustrações que poderiam ser entendidas como parte da experiência de vida do *negro brasileiro*.

Todavia, ao ler e reler *Um homem tenta ser anjo* (1959) e as poesias colecionadas nesta obra, chego à conclusão de que Oswaldo de Camargo é, essencialmente, um poeta. O fato de ser negro tem tanta importância quanto outras circunstâncias (como a de ser brasileiro, católico marcado por experiências místicas singulares etc.). O que conta, em sua obra, é a poesia. Embora ela exprima, em várias direções, a condição humana do seu criador, sobre ela e não sobre outras coisas deveria falar o seu intérprete. Ora, falece-me autoridade para isso. Um poeta jovem, que vem de uma estreia recente, pretende algo mais que uma "apresentação" convencional: espera que o apresentador diga aos outros o que ele próprio sabe acerca de seus versos, de suas intenções e do sentido de sua poesia. Nada que me sentisse capaz de fazer, pelo menos com justiça, propriedade e o devido respeito pelo autor, pelo público e por mim mesmo...

Abriam-se diante de mim dois caminhos. Um, o de lamentar as limitações da nossa celebrada "formação humanística". Bem mal vai um país no qual um

professor universitário treme diante das responsabilidades do juízo estético. Não é só o padrão de educação que entra em jogo. É todo um sistema de vida intelectual que sofre um impacto negativo. Penso, em particular, na negligência dos críticos especializados, que só existem para os produtores de arte de prestígio consagrado, subestimando ou negligenciando a energia moça pela qual se processam a afirmação e a renovação das grandes ou das pequenas literaturas. O segundo caminho seria o de avançar os resultados de minhas modestas reflexões. Os que não podem concentrar-se na própria medida do raciocínio poético já dão algo de si indicando o que percebem, o que sentem e pensam. Por consideração especial pelo autor, não me neguei a isso. Acho sinceramente, porém, que ninguém lucrará nada com ideias tão minguadas de verdadeiro teor crítico.

Em urna civilização letrada, o poeta representa dos produtos mais complicados do condicionamento educacional, intelectual e moral. É um contrassenso pensar-se que o negro brasileiro encontre na poesia (como em outros campos da arte) veículos fáceis de autorrealização. Há toda uma aprendizagem técnica, difícil de conseguir-se e de completar-se. Vencido esse obstáculo, erguem-se as verdadeiras barreiras humanas, que estão dentro e fora do próprio negro. De um lado, temos as contingências de um meio intelectual ainda mal polido e parcamente aberto às aventuras da inteligência criadora. Ele se fecha com facilidade, movido por molas que as convenções escondem ou disfarçam, especialmente diante das ocorrências que fogem às normas e à rotina. O produtor de arte negro é, em si mesmo (isto é, independentemente da qualidade e da significação de sua poesia ou seja lá o que for), uma aberração de todas as normas e uma transgressão à rotina, num mundo organizado por e para os brancos. De outro lado, acham-se as fronteiras que nascem da situação humana do negro na sociedade brasileira. Pode-se imaginar que existem várias gradações na linguagem poética e que a poesia não seja incompatível com nenhuma situação humana, reconhecível objetivamente. Embora isso pareça incontestável, só a força de um gênio permite superar as limitações sufocantes das barreiras que anulam o próprio sentido da dignidade do eu, aniquilando pela raiz as impulsões criadoras da inteligência humana. Em consequência, os "poetas negros" do Brasil caem, grosso modo, em duas categorias extremas. Ou são réplicas empobrecidas do "poetastro branco", ou são exceções que confirmam a regra, ou seja, episódios raros na história de uma literatura de brancos e para brancos, o que se poderia exemplificar, em relação à poesia, com uma figura tão conhecida como a de um Cruz e Sousa. Não existe uma vitória autêntica sobre o meio. A "inteligência negra" é tragada e destruída, inapelavelmente, antes de revelar toda a sua seiva, como se não importasse para o destino intelectual da nação.

A produção poética de Oswaldo de Camargo suscita, em termos dessas ponderações, novos ensinamentos. Ela foge ao primeiro extremo e evita, apesar das qualidades visíveis do poeta, o segundo, demonstrando que o negro intelectual, liberto dos preconceitos destrutivos do passado, tende a identificar sua *condição humana*, e extrair dela uma força criadora quase brutal e desconhecida, bem como a superar-se pela consciência da dor, da vergonha e da afronta moral. Em outras palavras, começa a delinear-se uma *poesia negra* e dela constitui uma floração rica e exemplar a presente coletânea. Mais que sobre qualquer outra coisa, é sobre essa poesia que gostaria de meditar, servindo-me da oportunidade que os versos de Oswaldo de Camargo me oferecem.

Na medida em que expressa a condição humana do negro no Brasil, essa poesia afirma-se como uma poesia de ressentimento e de profunda humilhação moral. Não evidencia apenas desalento e mortificação: a depreciação social da cor atinge o equilíbrio da pessoa, convertendo o poeta na voz do drama psicológico de uma coletividade. Já no livro anterior (*Um homem tenta ser anjo*), sente-se o tom acre e soturno do *protesto negro*:

Meu Deus! meu Deus! com que pareço!?
Vós me destes uma vida, Vós me destes
e a não consigo levar...
Vós me destes uma alma, Vós me destes
e eu nem sei onde está...
Vós me destes um rosto de homem,
mas a treva caiu
sobre ele, Deus meu, vede que triste,

todo preto ele está¹

Mas é nos poemas desta coleção que o referido protesto atinge seu clímax, desvendando toda a amargura triste e revoltada de brasileiros que se envergonham de ser gente:

Recolho o pensamento e me debruço
nesta contemplação, assim me largo...
E, preso ao ser que sou, soluço e babo
na terra preta de meu corpo amargo...
(Excerto de "Canção amarga")

Deslembrado de mim, me recordei:
folha no chão, estrume, antigo som
de fonte e sobre a preta face
essa tristeza que sempre haverei...
(Excerto de "Relembração")

Quem vos disse, senhores, que pareço
em desespero com qualquer rapaz?
Se me amargo a contemplar-me, sou
a luta entre o ser nada e o ser demais...
(Excerto de "Pergunta")

Profundamente em mim uma lâmina se enterra...
Se enterra e não vale recua, nem o meu grito breve
às horas rubras desta tarde de hoje...
[...]
Já não sei que fazer para alegrar minh'alma!
E é preciso sofrer para salvar meu sonho!
(Excerto de "Profundamente")

Não sei meu rumo nesta rude terra,
nem sei a que destino me consagro...
(Excerto de "4 sequências, III")

Pelo amor das lindas horas
em que sonhais só co' o amor,
parai um pouco, senhoras,
somos os homens de cor,
que vêm tecendo coroas
de tristezas pela estrada...
Voltamos de muitas noites,
há noite dentro de nós,
pelo amor dos que vos amam,
escutai a nossa voz!
[...]
Encontramos a esperança
toda em pranto debulhada...
E nos perdemos na noite,
não achamos a alvorada;
queremos subir na vida,
não encontramos a escada...
E estamos diante de vós,
pranteando o não sermos nada...
(Excerto de "A modo de súplica")

Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia,
e eu posso berrar este grito de angústia;
quer ouvir?
"Sou um negro, Senhor, sou um... negro!"
(Excerto de "Grito de angústia")

Tentei multiplicar os exemplos de propósito. Sob várias facetas, eles nos mostram o negro torturado por avaliações que decorrem da aceitação de uma imagem do próprio negro construída pelo branco. As contradições, as ansiedades e as frustrações, expressas com tamanha autenticidade poética por Oswald de Camargo, emergem da mesma matriz. Avaliando-se através de critérios de julgamento e de expectativas morais recebidas do branco, o drama de ser negro corresponde, literalmente, à impossibilidade de afirmar-se em um mundo moldado pelos *brancos* e para os *brancos*. Desde a infância, o negro é modelado para viver nesse mundo, como se não houvesse diferenças entre *negros* e *brancos*; mas as portas fecham-se diante dele, quando tenta atravessar os tortuosos corredores que conduzem a tal fim. Existe, pois, um "brancor" no negro, o qual só pode ser reconhecido e é válido como estado subjetivo do espírito:

Rosa, rosa, o meu brancor existe,
mas inexistente e meu corpo chora;
rosa, meu pensamento existe,
mas existe e meu corpo sofre...
Percebo o brancor que em mim existe
irrevelado e isso me faz triste...
Quero ser ave!
O azul sei que existe...
Ah, minha alma, chora³

Daí resultam contradições morais. A brancura e a infância surgem como obcecações que traduzem valores supremos:

Eu vi de branco a menina e esse sonho
jamais me escapou...
E meus dedos sem visgo em vão tentaram
sustar do sonho névoa e brevidade...
E não sei que eco de orfandade
lembrou-me então a mim que eu estava só,
só como o sonho que era único:
branca menina de sandálias brancas...
Como tudo era branco, branco, branco!
E quando me revi estava só...
E minha vida estava branca, branca, branca, como
meu primeiro caderno de escola...

Ah! que medi muito mal a distância da vida,
e julgara comigo: "hei de ir muito longe",
mas tombou sobre mim uma idade imprecisa
e eu invejo agora o menino que fui.

Eu invejo agora o menino que fui,
leve, andando nas pedras de tantas montanhas;
e, porque me tornei tristemente um homem,
para breve serei uma sombra, só sombra.

Muitos restos de mim larguei já pelas ruas;
infelizmente me gastando vou...
numa esquina qualquer muitas mortes me esperam,
e eu espero também qualquer morte que venha...
(Excerto de "Ronda")

Ambas, a brancura e a infância, constituem polarizações centrais em sua poesia. Uma, como expressão do mundo vedado objetivamente ao negro, embora acessível pela participação subjetiva. Outra, como fase da vida em que as proibições são menos drásticas ou passam despercebidas.

O drama psicológico e moral do negro, sentido e descrito nesse plano, em que o *ego* aprofunda as contradições e as hipocrisias da "democracia racial brasileira", não consubstancia um estado de marginalidade nem uma atitude de rebelião. Eventualmente, o "brancor" chega a ser desmascarado:

Tenho em meus gestos um rebanho inteiro
de atitudes brancas, sem sentido,
que não sabem falar...
(Excerto de "A manhã")

Contudo, o jogo dos contrastes evoca a manhã e a noite em termos da oposição entre o *branco* e o *negro*. Não há o desafio moral da escolha nem o apego ambivalente à herança cultural do negro ou do branco; trata-se do universo mental que o negro se construiu, no qual ele deveria ser uma coisa, mas é outra:

Eu penso que a manhã não interpreta bem

a superfície escura desta pele,
que pássaro nela vai pousar?

Ai da tristeza de meu corpo, aí,
o pássaro conhece a manhã,
e sabe que é branca a manhã,
mas não ousa enterrar-se de novo
na noite...

[...]

Eu, no entanto, permaneço ao lado
da manhã e das cantigas...

A noite, a grande noite está pousada em mim
escandalosamente!

(Excerto de "A manhã")

O que subsiste, pois, é o desalento ressentido, que transparece melhor onde se afirma uma ligação espiritual com os ancestrais africanos e escravos:

Meu grito é o estertor de um rio convulso...

Do Nilo, ah, do Nilo é o meu grito...

[...]

Meu grito é um espasmo que me esmaga,
há um punhal vibrando em mim, rasgando
meu pobre coração que hesita
entre erguer ou calar a voz aflita:

ó África! Ó África!

Meu grito é sem cor, é um grito seco,
é verdadeiro e triste...

[...]

Por que é que grito?

(Excertos de "Meu grito")

Em suma, o negro não repudia nada — nem a experiência ancestral, nem o universo criado pelo branco, nem a condição humana que nele encontra. A sua revolta nasce de uma injustiça profunda e sem remédio, que só ele sente por ser posto à margem da vida e da justiça humanas, vítima de um estado extremo de negação do homem pelo homem. Em nome de um código ético rude e egoísta, o branco ignora as torturas, os conflitos e as contradições que cimentam sua concepção "cristã", "cordial" e "democrática" do mundo, condenando à danação todos os *negros* que aceitem com integridade e ascetismo essa mesma concepção, do mundo, com suas opções e valores morais.

Ainda é cedo para emitir juízos definitivos sobre essa poesia negra, associada à liberação social progressiva do branco e do negro na sociedade urbana e industrial brasileira de nossos dias. Dois pontos, todavia, poderiam ser aprofundados. Primeiro, na sua forma atual, fixando o drama moral do negro de um ângulo meramente subjetivo, ela não transcende nem mesmo radicaliza o grau de "consciência da situação" inerente às manifestações iletradas do *protesto negro*. É certo que ela expõe as coisas de maneira mais grandiosa, chocante e pungente. Diante dela, até os relutantes ou os indiferentes terão de abrir os olhos e o coração: há torpezas sem nome por detrás dos iníquos padrões de convivência que regulam a integração do negro à ordem social vigente. No entanto, essa mesma poesia se mostra incapaz de

sublimar atitudes, compulsões e aspirações inconformistas, que a poderiam converter numa rebelião ativa, voltada para o processo de redenção social do negro. Segundo, ela se divorcia, de modo singular, dos mores das populações negras brasileiras. Por enquanto, a poesia que serve de veículo ao protesto negro não se vincula, nem formal nem materialmente, ao mundo de valores ou ao clima poético das culturas negras do Brasil.

As duas constatações possuem amplo interesse. Elas não pressupõem nenhuma sorte de restrição ao nosso poeta ou ao tipo de poesia que se procura cultivar com vistas ao drama humano do negro. Mas revelam de forma expressiva o poder de condicionamento externo da obra de arte. Se o "meio negro brasileiro" tivesse um mínimo de integração, os dilemas morais descritos poderiam ser focalizados à luz de experiências coletivas autônomas. Existiriam conceitos e categorias de pensamento que permitiriam apreender a realidade sem nenhuma mediação ou alienação, através de sentimentos, percepções e explicações estritamente calcadas nos modos de sentir, de pensar e de agir dos próprios negros. Na medida em que o negro, como grupo ou "minoridade racial", não dispõe de elementos para criar uma imagem coerente de si mesmo, vê-se na contingência de ser entendido e explicado pela contraimagem que dele faz o branco. Mesmo um poeta negro do estofado de Oswald de Camargo não escapa a esse impasse, de enorme importância histórica: até onde ele perdurar, o negro permanecerá ausente, como força social consciente e organizada, da luta contra a atual situação de contato, sendo-lhe impossível concorrer eficazmente para a correção das injustiças sociais que ela encobre e legítima.

Já o segundo ponto tem mais que ver com a dinâmica da criação literária. Os padrões de produção artística e de gosto literário imperantes aboliram, largamente, o influxo contínuo e produtivo das heranças culturais de que foram portadores estoques étnicos ou raciais considerados como "inferiores". Ao aderir a tais padrões, o artista acaba sacrificando, sem o saber, riquezas potenciais insondáveis, algumas ligadas às suas energias pessoais, outras vinculadas à influência do ambiente social imediato. Um simples paralelo permitiria ilustrar claramente o que pretendo dizer. Tome como exemplo o futebol: em sucessivas gerações sempre contamos com alguns "magos da pelota" negros e através deles conseguimos enriquecer gradativamente a nossa "arte de jogar". Em grande parte, isso se deve à liberdade de expressão conferida ao jogador negro, que não encontra réplica na esfera da produção artística, sufocada por preconceitos de várias espécies — ou se elimina o concurso do negro e o aproveitamento de sua contribuição criadora, ou se estiola sua capacidade de renovação, submetendo-o a um processo de reeducação que o transforma, sem nenhum sarcasmo, em um escritor branco de pele preta. Embora não devemos levar o paralelo com o futebol longe demais, o que parece aconselhável seria uma reação positiva, pela qual o intelectual negro (e como ele qualquer intelectual identificado com determinada parcela da heterogênea *civilização brasileira*) repudiasse os freios que o isolassem do ethos de sua gente. Certas perdas culturais são irrecuperáveis; perdemos o poeta negro que recriava as tradições poéticas tribais. Todavia, precisaríamos perder também a própria faculdade do poeta negro de exprimir-se, através de sua poesia, como e enquanto "negro"? Se se desprendesse da tutela total do branco, é presumível que o escritor negro brasileiro estaria em condições de contribuir melhor para o enriquecimento da nossa literatura.

Um poeta da envergadura de Oswald de Camargo, se persistir em aperfeiçoar-se e em trabalhar duramente, poderá marcar com sua presença tanto os

movimentos sociais e culturais do meio negro quanto a renovação de nossa poesia. O "grande homem de cor" torna-se, em si mesmo, cada vez menos importante em nossa sociedade. Em compensação, os frutos de sua contribuição pesam cada vez mais no fluxo da vida humana. Ninguém melhor que um poeta para revitalizar as aspirações igualitárias, um tanto adormecidas atualmente, que orientaram os grandes movimentos sociais negros da década de 1930. Ninguém melhor que um poeta para sugerir novos rumos no aproveitamento construtivo das energias intelectuais dos "talentos negros". Fala-se muito que vivemos numa era pouco propícia à poesia. Não obstante, o poeta conserva o fascinante prestígio que advém da magia da palavra, indissolivelmente associada à linguagem e ao raciocínio poéticos. O seu exemplo não só se propaga, como também cala fundo. Isso é tão verdadeiro hoje como o foi no passado, embora muitos ignorem que não existe civilização sem poesia.

A questão está na qualidade da poesia. Em regra, o poeta negro brasileiro tende a entregar-se ao fascínio pela poesia de efeito dramático. A poesia de auditório, que adquire viço e arrebatada os corações quando se atualiza através de um recital, com acompanhamento ao piano. Aqui e ali Oswaldo de Camargo fez concessões a esse tipo de poesia, enrijando-a com a substância crua da verdade e com sua admirável intuição poética. Malgrado o êxito invariável dessas composições, nas reuniões intelectuais das associações culturais negras, elas estão longe de justificar as preferências que merecem. Os caminhos que unem a redenção social do negro à emancipação intelectual do Brasil repousam sobre processos civilizatórios que reclamam uma poesia suscetível de inspirar e dirigir a ânsia de aperfeiçoamento contínuo do homem. Ela transparece em muitos versos e em alguns poemas de Oswaldo de Camargo, principalmente naqueles em que o *protesto negro* encontra eco mais sentido e profundo. Se ela se tornará mais participante e militante, ou não, é impossível prever. Tudo depende do interesse que o poeta tiver pelos problemas humanos de sua gente e do sentido que imprimir, em função disso, às suas atividades criadoras. De minha parte, gostaria imenso que ele completasse o círculo de sua evolução intelectual, arrostando os ângulos inexplorados do protesto negro e libertando-se de influxos que ainda retêm suas produções poéticas no limiar das experiências humanas do negro brasileiro.

Notas

1. Nota presente na edição de 2022: texto publicado na primeira edição de *15 poemas negros*, lançada em 1961 pela Associação Cultural do Negro. A obra é reproduzida integralmente neste livro, acompanhada de poemas presentes em *O estranho* (1984) e na antologia *Luz & breu* (2017).
2. Oswaldo de Camargo, *Um homem tenta ser anjo*. São Paulo: Supertipo 1959, p. 55.
3. Oswaldo de Camargo. *Um homem tenta ser anjo*, op. cit., p.73.

Referências

- CAMARGO, Oswaldo. *15 poemas negros*. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1961.
- CAMARGO, Oswaldo. *O estranho*. São Paulo: Roswita Kempf, 1984.

CAMARGO, Oswaldo. *Luz & breu: antologia poética 1958-2017*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2017.

CAMARGO, Oswaldo. *30 poemas de um negro brasileiro*. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

* Graduado em Ciências Sociais com Mestrado e Doutorado em Antropologia, além professor em universidades brasileiras e estrangeiras, Florestan Fernandes figura como um dos mais brilhantes intelectuais brasileiros de todos os tempos. Autor, entre outros, de *Branco e negro em São Paulo* (1959, coautoria Roger Bastide), *A integração do negro na sociedade de classes* (1964), *O negro no mundo dos brancos* (1972), *A revolução burguesa no Brasil* (1974) e *O significado do protesto negro* (1989).